

Chico Buarque. *O irmão alemão*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2014. 238 p.

O romance *O irmão alemão* se inspira na existência de um filho natural do historiador Sérgio Buarque de Holanda, pai de Chico Buarque, com uma namorada alemã, Anne Ernst. Sérgio, que morou em Berlim nos anos 1929-1930, não conheceu o filho, pois já tinha voltado para o Brasil quando ele nasceu. Segundo a orelha do livro, assinada por Fernando de Barros e Silva, Chico descobriu a existência do meio irmão alemão aos 22 anos, da boca do poeta Manuel Bandeira. Era um segredo de família: Chico confessa que nunca falou disso com o pai. “Não tinha uma parede, mas tinha uma cortina que não ousei ultrapassar. Nem eu nem meus irmãos” (apud SILVA. 2014)¹. Depois da morte do pai, também não perguntou nada à mãe, Maria Amélia. Curiosamente, as cartas trocadas entre Sérgio e as autoridades alemãs, reproduzidas no livro, estavam na gaveta do criado-mudo da mãe. Depois de sua morte em 2010, elas foram encontradas pelo irmão mais velho, que as repassou a Chico. Traduzidas as cartas, Chico se viu diante do fantasma do irmão alemão. Decidiu escrever o romance e também quis procurá-lo, tendo contado, para isso, com a colaboração de dois pesquisadores: o historiador João Klug, da Universidade Federal de Santa Catarina, e o museólogo alemão Dieter Lange, como ele próprio esclarece numa nota ao final do romance. Descobriu que seu meio irmão Sergio Günther havia trabalhado na televisão de Berlim Oriental, tendo morrido em 1981 e deixado uma filha, Kerstin. Em 2013 Chico e sua filha Sílvia foram a Berlim e encontraram a ex-mulher, a filha e a neta de Sergio Günther. Voltaram em 2014, acompanhados pelo

¹ A reportagem de Fernando de Barros e Silva, “O irmão brasileiro. A busca de Chico Buarque em Berlim”, publicada na revista *Piauí* está disponível em www.publico.pt/culturaipilon/noticia/a-busca-de-chico-buarque-em-berlim-1683044. Consulta em 15 de outubro de 2015.

jornalista Fernando de Barros e Silva, que preparou uma longa reportagem para a revista *Piauí*. Em Berlim reencontraram os familiares de Sergio Günther, além de alguns amigos que o conheceram de perto. A convite de Chico, a família Günther veio ao Rio depois da Copa do Mundo de 2014, onde teve a oportunidade de conhecer os parentes brasileiros.

Esses são os dados factuais que estão por trás do romance. Trata-se agora de verificar até que ponto o romance se atém aos fatos. O pai se chama Sérgio e tem um escritório abarrotado de livros, no qual o jovem Francisco, apelidado de Ciccio, não ousa entrar. Não é uma cortina que separa o filho do pai, é uma verdadeira parede que preserva o intelectual de qualquer pessoa que atrapalhe seu trabalho. O irmão mais velho é mais próximo do pai e, por isso mesmo, existe uma relação de competição entre os dois irmãos. Se a família Buarque teve 7 filhos, no romance só aparecem dois irmãos, que se opõem enquanto rivais. A mãe do romance é bastante diferente de Maria Amélia como perfil, mas têm algo em comum: tanto a mãe verdadeira quanto a do romance, a napolitana Assunta, têm uma grande admiração pelo marido, para quem trabalham, organizando os livros, colaborando nas pesquisas, dirigindo o carro.

No romance são reproduzidas em cópia fac-similar quatro cartas trocadas por Sérgio Buarque e autoridades alemãs nos anos 1930; nessas cartas, devidamente traduzidas, o historiador brasileiro exprime o desejo de receber o filho, dado para adoção pela mãe. Em uma delas, é exigida comprovação da origem ariana, dele e de seus ancestrais, o que Sérgio afirma não ser possível conseguir no Brasil. Como o último sobrenome, Holanda, é sempre grafado Hollander, nome tipicamente judaico, os alemães com certeza suspeitavam que o menino tivesse ascendência judaica, o que dificultaria a adoção pelo casal Günther. A carta de 1934 termina com a saudação “Heil Hitler!”. Em alguns momentos o narrador se pergunta se o irmão não teria sido enviado para um campo de concentração, mas os Günther conseguiram adotá-lo.

Já as cartas atribuídas a Anne Ernst são certamente fictícias, já que não constam os originais em alemão. A primeira, no início do romance, encontrada pelo personagem-narrador dentro de um livro na biblioteca do pai, funciona como o detonador da busca. A partir daí o protagonista, perseguido pelo fantasma do irmão alemão, começa a imaginar as possibilidades mais mirabolantes de que ele tivesse

vindo para o Brasil. É assim que Ciccio vai entrar em contato com uma família francesa que, segundo ele, poderia ser a família do irmão, que teria mudado de nome, de país e de nacionalidade. Essa procura alucinada do protagonista é bastante delirante.

Não obstante os elementos verídicos aqui apontados, não se trata de autobiografia; pode-se considerar uma autoficção já que a vida do protagonista não tem nenhuma semelhança com a biografia de Chico Buarque, a qual é amplamente conhecida devido ao seu sucesso como compositor e cantor de música popular. Pequenos delitos, atos insensatos a fim de entrar na casa dos franceses, aulas de francês na Aliança Francesa, tudo isso é pura ficção. A construção física e psicológica do personagem-narrador é o contrário do autor: feio, sem talento, desajeitado, sem sucesso com as mulheres, invejoso das investidas do irmão mais velho.

A relação com o pai, embora exageradamente distante, tem algum fundo de verdade: o seu escritório é sagrado, impenetrável, inviolável. Como se vê no documentário *Raízes do Brasil* (2004), realizado por Néelson Pereira dos Santos, Sérgio Buarque realmente se fechava no escritório e os filhos não eram ali admitidos. Esse elemento é estruturador do esquema narrativo, pois o ciúme do irmão mais velho e a procura do irmão alemão se justificam por essa obsessão pela figura fantasmática do pai intelectual.

Trata-se de um romance de filiação em que, ao buscar o irmão Sérgio, homônimo do pai, o personagem-narrador procura acertar as contas com o pai e com o seu passado familiar. Ao comentar a obra de Thomas Mann, ele imagina um possível diálogo com o pai sobre esse assunto, diálogo que funcionaria como uma ponte entre eles: “quem sabe daí em diante meu pai me ouvisse de vez em quando, me corrigisse, de algum modo me filiasse. Quem sabe até me admitisse na sala de visitas como um aluno ouvinte, nas noitadas em que recebia seus amigos escritores” (BUARQUE, 2014, p. 53).

O romance retrata, ainda que de maneira um pouco tortuosa, os ecos da repressão aos movimentos revolucionários durante a ditadura militar. O irmão do protagonista desaparece, o que causa o desalento e a lenta morte dos pais. Eleonora Fortunato, amiga da família e mãe de um amigo desaparecido, é uma artista plástica que faz colagens inspiradas no suplício do filho; ela evoca a estilista Zuzu Angel, mãe

de Stuart Angel, que fez anjos em suas últimas coleções para falar da morte do filho. Eleonora, como Zuzu, foi atropelada, de maneira estranha, porque reclamava demais a devolução do corpo de seu filho e os esclarecimentos acerca de sua morte. Francisco, o personagem-narrador, recebe mensagens sobre o paradeiro do irmão, que estaria vagando, desmemoriado, pelas ruas de São Paulo, tal como familiares de desaparecidos receberam esse tipo de mensagem dos órgãos de repressão a fim de confundi-los. Também aparece noticiada a cena do terrorista morto por policiais em confronto nas ruas de São Paulo, uma farsa que foi apresentada repetidas vezes, quando, na verdade, os guerrilheiros eram mortos pela tortura, na maioria das vezes, dentro de instalações militares.

O fato de haver personagens de origem estrangeira permite um uso um pouco particular da linguagem. Como a mãe do protagonista é napolitana, o narrador incorpora expressões italianas na voz narrativa; os apelidos dos filhos, por exemplo, Ciccio e Mimmo, são italianos. Quando o protagonista se refere à família francesa que, na sua alucinação, seria a dos pais do irmão alemão, a linguagem adota uma sintaxe arreesada que se aproxima da língua francesa. Já na redação da carta de Anne Ernst, a sintaxe esdrúxula corresponde a uma pretensa tradução literal, preservando a ordem inversa da frase, como é comum no alemão. Nos três casos, é criado um efeito paródico, que dá ao romance um tom jocoso.

Como no romance anterior, *Leite derramado*, que tinha um narrador senil, portanto, não confiável, neste romance o personagem-narrador, meio amalucado, ao usar a primeira pessoa, só pode dar sua visão dos fatos, uma visão um tanto deturpada de toda a questão.

Segundo informações de Fernando Barros e Silva, o editor Luiz Schwarcz teria insistido para que Chico incorporasse mais a história verdadeira, o que não era o desejo do autor. Entretanto, ele acabou fazendo isso no capítulo final, que é mais realista, o que destoa do resto do romance. Assim, paradoxalmente, embora a ruptura de tom e de linguagem do último capítulo constitua o principal defeito estilístico do romance, ele satisfaz, provavelmente, as expectativas dos leitores, curiosos em relação à verdadeira história do irmão alemão.

Eurídice Figueiredo

Universidade Federal Fluminense/CNPq